

EDIÇÃO ESPECIAL

BRINCAR



REVISTA ABA+

Como professor, descobri que essa pílula mágica do conhecimento não existe. Em compensação, existe algo ainda melhor: um processo mágico que torna o aprendizado mais fácil, leve e divertido. Esse processo se chama brincadeira. [...] É nesse processo mágico da brincadeira que conseguimos descobrir os **superpoderes** de nossos alunos. ————— Por *Estevão Marques* | *pág 31*

Agradecimentos

Nosso profundo agradecimento a toda a equipe e colaboradores da Revista ABA+, que, com tanto cuidado, criatividade e competência, tornou possível mais uma edição que é, ao mesmo tempo, conteúdo e carinho, ciência e sensibilidade. Cada colaboração presente nestas páginas é um sopro de infância, afeto e compromisso com a construção de saberes que valorizam o brincar, o aprender e o encantar.

Enfatizamos nossa gratidão aos autores e autoras desta edição: Estêvão Marques, que nos lembra que ensinar brincando é tão poderoso quanto aprender brincando; Matheus Silva, que com muito bom humor e embasamento nos convida a repensar a ABA; Aline Alves, que reacende a memória afetiva em cada palavra; e Luísa Heyn, por sua visão afetiva e técnica sobre o brincar com crianças neurodivergentes. Essa edição não seria a mesma sem a dedicação e o brilho de cada um de vocês.

DIREÇÃO

SANDRA PARO

COLABORAÇÃO

**ALINE ALVES, ESTEVÃO MARQUES, LUISA HEYN E
MATHEUS SILVA**

COORDENADORA

CRIS ALVES

EDIÇÃO

MARIA GABRIELLY

DIAGRAMAÇÃO

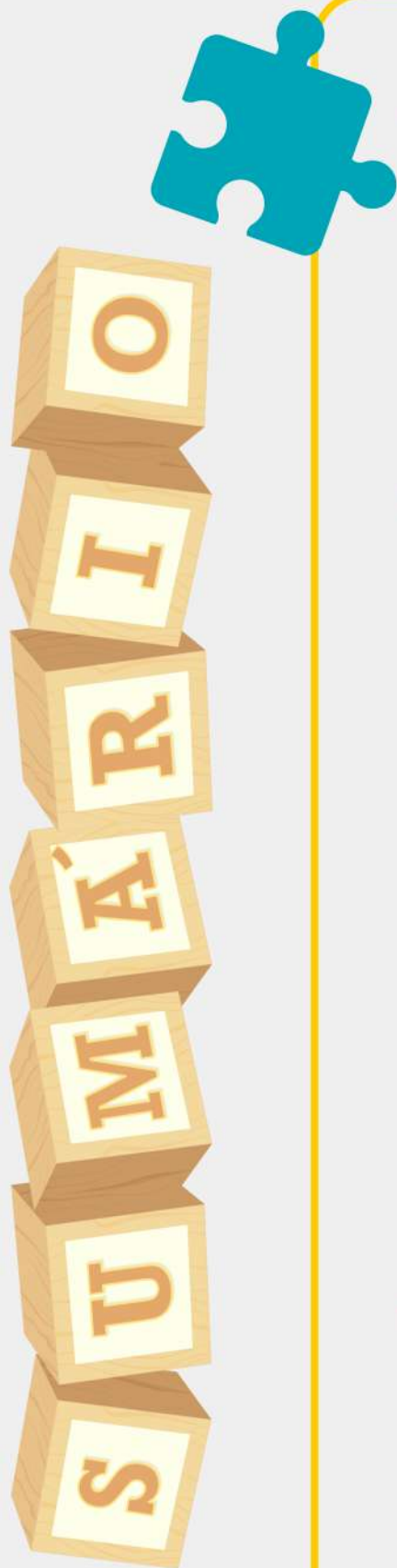
ÚLLI DE OLIVEIRA | UM PONTO MARKETING

ORGANIZAÇÃO DOS EVENTOS

ANA CAROLINA

CONSELHO EDITORIAL

**SANDRA PARO, CRIS ALVES, CHRISTIANE
MAMEDE E MARIZA DOMINGUES**



05 DA EDITORA

Uma carta da editora
aos queridos leitores

09 É VERDADE. #SQN

ABA só funciona
com brinquedo e
comida?

17 PAPO DE PROFESSOR

Brincar é Aprender

26 DICA DE LEITURA

O Direito de Brincar: a
brinquedoteca

06 BRASILIDADES

Sabores da Infância

11 DICAS DO PROFISSIONAL

O Brincar na ABA

24 ESCREVENDO EM FOGO BAIXO

Brincar com a comida,
pode?

29 ABA+ ACADEMY

Super desconto
para leitores da
Revista ABA+



30

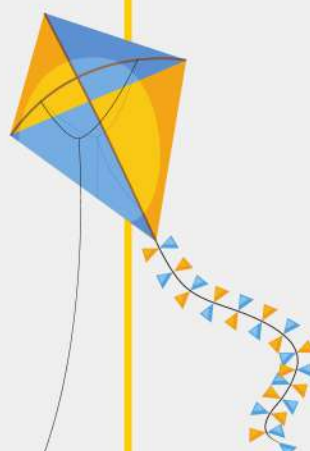
EVENTOS

Agenda do segundo semestre

38

SOFTWARE ABA+

Transcrição de voz



Editorial – Edição [07/2025]

Julho chegou como quem sussurra: é hora de respirar mais devagar.

Depois dos dias corridos, das tarefas que se empilham e das rotinas que pedem pressa, o mês das férias nos convida à pausa. E que pausa preciosa é essa — feita de cheiros, risadas e pequenos rituais ao lado de quem amamos.

Nesta edição, celebramos aquilo que o tempo livre nos oferece de mais rico: a possibilidade de construir memórias afetivas. São elas que ensinam sem esforço, que educam com ternura e que moldam, silenciosamente, os alicerces do nosso desenvolvimento emocional e social.

Brincar, cozinhar junto, inventar histórias antes de dormir, arrumar a mala para visitar os avós, fazer um piquenique no quintal... cada gesto simples vivido em família carrega um poder formativo imenso. Isso porque o aprendizado mais profundo não acontece apenas na escola ou na terapia — ele acontece também no riso compartilhado, no colo demorado e no olhar atento de quem cuida.

Na infância, as experiências afetivas são como sementes lançadas ao solo fértil da imaginação e da segurança emocional. E são essas experiências que ajudam a criança a se sentir pertencente, amada e confiante para explorar o mundo.

Por isso, nesta pausa de meio de ano, que possamos lembrar do valor do brincar, do tempo de qualidade e da presença real. Que possamos abrir espaço para conversas despretentiosas, para cozinhar uma receita da infância, para andar descalços e ver o tempo passar sem culpa.

Na correria do cotidiano, muitas vezes nos esquecemos de que é no afeto que mora o aprendizado mais duradouro. Que esta edição seja um convite a olhar com mais calma para os vínculos, para a leveza e para tudo aquilo que realmente importa.

Desejamos a todos um mês cheio de encontros verdadeiros, abraços demorados e lembranças doces — daquelas que, no futuro, ainda ensinarão sem que a gente perceba.

Com carinho,
Equipe ABA+



SABORES DA INFÂNCIA

CONEXÃO COM O AGORA

“

A infância é um chão que a gente pisa a vida inteira.

Lya Luft

Por Aline Alves

Nos sabores da infância se abre uma janela perfumada que atravessamos a cada cheirinho de bolo, cebola refogando ou leite quentinho com chocolate.

É assim que a cultura alimentar vai sendo construída: sem avental, sem cenário perfeito e sem receita (desculpe o trocadilho) pronta. A relação com a comida (em cada canto do Brasil) vai além de cozinhar, passa pela compra dos alimentos, o preparo, a quantidade de pessoas e assim o rito de se alimentar ganha cenário, trilha e o espetáculo principal: o comer.

Nas férias ou em períodos de descanso, é comum a gente reencontrar sabores que marcam nossas memórias em cada parte do país: pão de queijo saindo do forno em Minas, canjica na Paraíba, um delicioso pão na chapa em São Paulo ou arroz com pequi em Goiás.

Ao listar pratos típicos no Brasil e colocá-los na bagagem corremos o risco de não acertar, já que o país carrega em si realidades distintas dentro do mesmo território, e a cultura alimentar se mistura nesse painel de cultura e ingredientes.

A cultura alimentar brasileira é viva, diversa e começa cedo — muitas vezes com a colher de pau nas mãos pequenas das crianças. Cozinhar com os pequenos é muito mais do que brincar: é ensinar paciência, estimular sentidos e fortalecer laços. Cada receita guarda histórias, sotaques e afetos. Mais do que matar a fome, são pratos que alimentam vínculos, despertam lembranças e ensinam pertencimento.

Na infância, comer também é aprender.



Uma criança que cresce aprendendo a esperar o tempo do cozimento, a identificar temperos, a cozinhar junto com alguém, cresce entendendo o valor do cuidado. Alimentar, afinal, é um verbo que exige presença.

Claude Lévi-Strauss, em seu estudo sobre o "triângulo culinário", já dizia que cozinhar é uma das primeiras manifestações culturais da humanidade. E, desde muito cedo, somos iniciados nesse rito não pelas mãos, mas pelas papilas. Antes de falarmos, mastigamos. Antes de entendermos o mundo, provamos dele.

As infâncias são temperadas, cada qual com seus ingredientes mágicos. Para uns, o cheiro de pão saindo do forno ao voltar da escola. Para outros, o mingau morno nas manhãs de domingo. Segundo Jean-Pierre Poulain, sociólogo da alimentação, é por meio desses gestos simples, repetidos e cheios de intenção, que a cultura alimentar se transmite de geração em geração, formando o paladar social e a identidade de um povo.

E é aí que mora o poder da comida como herança cultural: no gesto que se repete, no aroma que anuncia a hora do almoço, no prato que conta histórias. A cultura alimentar se perpetua assim: entre colheres e lembranças.

A mesa da infância, portanto, não é só o lugar do alimento. É o palco das primeiras conversas, das primeiras escolhas, dos primeiros “não gosto disso”, “eu amo aquilo”, das primeiras partilhas e frustrações.

Carolina Maria de Jesus, em sua obra *Quarto de Despejo*, narra como, mesmo na fome, havia memória gustativa — um desejo profundo pelos sabores simples que marcaram sua existência. Isso nos mostra que, mesmo nas ausências, o paladar tem presença e que o afeto pode morar em uma colher de sopa.

Mas fica aqui uma provocação: e os sabores da infância hoje, quais são? Quais os sabores da infância dos seus filhos ou das crianças que você conhece e convive? Muito mais que rótulos e regras, é preciso repensar nossa relação com a comida e de como apresentamos esse universo para as próximas gerações empanadas em cultura, recheada de costumes e temperada com nossa brasilidade.

Porque, no fim das contas, como já disse Rubem Alves, “cozinhar é um modo de amar os outros”. E é no prato que servimos aos pequenos que ensinamos, sem palavras, o que é afeto, o que é tradição, o que é casa, em todas as idades.





ABA SÓ FUNCIONA COM BRINQUEDO E COMIDA?

(E por que isso é um baita mito sobre reforço)

Por *Matheus Silva*

Vamos lá... Se você já ouviu por aí que ABA só funciona quando se dá um brinquedo ou um chocolate para criança, pode ter certeza: essa pessoa não entendeu o que é reforço dentro da Análise do Comportamento Aplicada. Esse é um dos mitos mais comuns e que mais distorcem o trabalho que fazemos.

É verdade que, no início de algumas intervenções, principalmente quando a criança possui um repertório restrito de interesses ou ainda não responde a múltiplos reforçadores, **itens materiais como brinquedos, guloseimas ou atividades muito preferidas podem ser usados para reforçar um comportamento**. Isso porque o reforço precisa ter valor para a criança naquele momento. Não adianta usar reforço social, como um elogio, por exemplo, se isso ainda não é reforçador para ela.

Mas... o uso de reforços materiais **é apenas uma fase do processo**. O objetivo é sempre mudar para reforços mais naturais e sociais, como um sorriso, um abraço, um parabéns, um convite para brincar ou simplesmente o prazer de realizar algo sozinho — o que chamamos de **reforçadores intrínsecos ou naturais**.

Além disso, reforço não é suborno. Existe uma grande diferença entre oferecer um reforço para aumentar a probabilidade de um comportamento funcional acontecer novamente, e subornar alguém para "fazer o que eu quero". Em ABA, o reforço é planejado, aplicado de forma ética, e sempre com a meta de fortalecer habilidades importantes para o desenvolvimento e a qualidade de vida dos nossos pequenos.

Então, quando alguém falar que ABA só funciona com brinquedo ou comida, já pode responder com segurança: **ABA funciona com o que é reforçador para cada pessoa — e isso inclui muito mais do que objetos, brinquedos ou comestíveis. Inclui vínculo, afeto, autonomia e o prazer de aprender.**

Referências:

Cooper, J. O., Heron, T. E., & Heward, W. L. (2020). *Applied Behavior Analysis* (3rd ed.). Pearson.

Vargas, E. A., & Vargas, J. S. (1991). *Reinforcement: A behavioral view*. Behavioral Development.



Conheça *Mateus Silva*

Mateus Silva é psicólogo, especialista em Análise do Comportamento pela PUC Goiás, pós-graduando em Análise do Comportamento pela UFSCar e mestrando em ABA.

Atua com desenvolvimento infantil desde 2020, com experiências que incluem as funções de Acompanhante Terapêutico (AT), terapeuta aplicador, psicólogo clínico, coordenador e supervisor.

Atualmente, trabalha como supervisor de casos, contribuindo para o planejamento e acompanhamento de intervenções baseadas em Análise do Comportamento Aplicada.

O BRINCAR NA ABA

UM CONVITE AO DESENVOLVIMENTO E
À CONEXÃO

Por Luísa Heyn

Brincar é coisa séria. E na Análise do Comportamento Aplicada (ABA), o brincar ganha uma importância ainda maior, especialmente quando falamos de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Longe de ser uma atividade apenas recreativa, o brincar é uma poderosa ferramenta de ensino, desenvolvimento e inclusão social.

Por que ensinar a brincar?

Embora muitas crianças com autismo gostem de brincar, é comum que apresentem dificuldades em desenvolver brincadeiras funcionais. As interações podem ser restritas a poucos brinquedos, com ações repetitivas ou pouco flexíveis — como girar as rodas de um carrinho em vez de empurrá-lo pelo chão.

Essas dificuldades estão diretamente ligadas a características centrais do TEA, como *déficits* na comunicação social, imaginação simbólica e comportamentos restritos e repetitivos. Por isso, o ensino do brincar não é apenas recomendável: é essencial.

BRINCAR FAVORECE:



o desenvolvimento motor, cognitivo e da linguagem;



a imitação e a atenção conjunta;



a regulação emocional;



a interação social e a construção de vínculos.

Como afirmam Charlop *et al.*, brincar é um "*Behavior Cusp*": uma mudança comportamental que abre portas para novos aprendizados e interações sociais mais amplas e significativas.

As etapas do brincar: do exploratório ao cooperativo

Apostar no ensino estruturado do brincar permite expandir repertórios e aumentar a autonomia da criança. É possível observar diferentes formas de brincadeira, que vão se sofisticando à medida que habilidades são ensinadas e reforçadas:

DICA DO PROFISSIONAL



Brincar exploratório: descobrir efeitos visuais, táteis e sonoros.



Brincar funcional: usar objetos conforme sua função, como exemplo, empurrar um carrinho.



Brincar simbólico e imaginativo: usar objetos com funções diferentes ou fingir ações.



Brincar construtivo: criar algo novo com blocos e peças.



Brincar sociodramático: assumir papéis em histórias e contextos sociais.



Brincar associativo e cooperativo: dividir brinquedos, esperar sua vez, colaborar.



Brincar em grupo: seguir regras em jogos estruturados.

Cada tipo de brincadeira exige habilidades específicas e oferece oportunidades únicas de aprendizado e socialização.

Estratégias da ABA para ensinar a brincar

O brincar pode — e deve — ser ensinado. A ABA oferece um conjunto de estratégias baseadas em evidências que tornam o ensino do brincar eficaz e prazeroso:

- **Tentativa Discreta (DTT):** ensino estruturado com estímulo, resposta e consequência.
- **Modelação e imitação:** ensinar comportamentos por meio de exemplos.
- **Treino Incidental:** aproveitar momentos espontâneos de interesse.
- **Pareamento de estímulos:** associar o terapeuta e a atividade a algo positivo.
- **Análise de tarefas e encadeamento:** dividir a brincadeira em etapas simples.
- **Modelagem:** reforçar aproximações sucessivas ao comportamento final.

Além disso, o uso estratégico de reforçadores — naturais, sociais ou tangíveis — é essencial para manter o engajamento e aumentar a probabilidade de que o brincar se repita no futuro. O reforço, afinal, é o motor do aprendizado.

Personalização e avaliação

Cada criança com TEA é única. Por isso, as estratégias devem ser baseadas em avaliações individuais, que considerem preferências, níveis de desenvolvimento e formas de interação.

A avaliação de preferência é um recurso fundamental: conhecer os brinquedos ou estímulos preferidos da criança ajuda a tornar o brincar mais motivador e natural. E quando há interesse restrito por apenas um tipo de brinquedo, técnicas como pareamento e modelagem permitem expandir esse repertório.



Brincar é inclusão, cultura e afeto

Além dos ganhos no desenvolvimento, o brincar contribui para a inclusão cultural, a convivência familiar e a participação social. É brincando que crianças constroem amizades, compartilham experiências e encontram seu lugar no mundo.

Como disse o pediatra e pesquisador T. Berry Brazelton:

“O brincar continua a ser a maneira mais poderosa de aprender de uma criança.”

Na ABA, ensinar a brincar é mais do que ensinar uma atividade: é abrir caminhos para o aprendizado, a comunicação e o afeto. É reconhecer o direito de cada criança de experimentar o mundo com imaginação, segurança e alegria.

Referências:

- CHARLOP, M. H.; MILTENBERGER, R. G.; RINCKER, C. M.; RISTAINO, J. E.; LEE, L. C. *Behavior Cusps: A Developmental and Applied Behavior Analytic Perspective*. In: COOPER, J. O.; HERON, T. E.; HEWARD, W. L. (Eds.). **Applied Behavior Analysis**. 2. ed. Upper Saddle River, NJ: Pearson, 2007. Cap. 28.
- SMITH, T. *Discrete Trial Training in the Treatment of Autism*. **Focus on Autism and Other Developmental Disabilities**, v. 16, n. 2, p. 86–92, 2001. DOI: 10.1177/108835760101600204.
- SELLA, A.; RIBEIRO, R. **Análise do Comportamento Aplicada ao Transtorno do Espectro Autista: princípios básicos, avaliação e intervenção**. São Paulo: Memnon Edições Científicas, 2018.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- DICARLO, C. F.; REID, D. H.; STRICKLIN, S. B. Using Preference Assessments to Increase the Play of Young Children with Autism. **Topics in Early Childhood Special Education**, v. 23, n. 3, p. 153–162, 2003.
- KOEGEL, R. L.; DYER, K.; BELL, L. The Influence of Child-Preferred Activities on Autistic Children's Social Behavior. **Journal of Applied Behavior Analysis**, v. 20, n. 3, p. 243–252, 1987.
- HOCH, H.; MCCOMAS, J.; JOHNSON, L.; FARANDA, N.; GUENTHER, S. The Effects of Access to Preferred Activities on the Social Interactions of Children with Autism. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 32, n. 3, p. 159–167, 2002.
- OZONOFF, S. Infant Siblings of Children with Autism: What Do We Know and What Do We Need to Know? **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 49, n. 3, p. 251–275, 2008.



Conheça *Luísa Heyn*

Luísa é mãe de 4 filhos, formada em Psicologia pela PUC-GO, Neuropsicóloga e Especialista em Terapia Comportamental e em Análise do Comportamento Aplicada, com certificação PCM e PRT nível 1.

Há 10 anos trabalha com crianças com Transtorno do Espectro Autista - TEA e outros transtornos do desenvolvimento, tanto no ambiente escolar, domiciliar e clínico.

Ao lado da ABA+ Academy, Luísa compartilha um rico conhecimento acerca da brincadeira na ciência ABA. Seu curso **O Brincar na ABA** está disponível para todos que queiram desenvolver suas habilidades na área.

Atenção!!!

Valor especial exclusivo para leitores da **Revista ABA+**!

Saiba mais na coluna Academy.



BRINCAR É APRENDER

COMO O BRINCAR LIVRE TRANSFORMA O CÉREBRO E O FUTURO DAS CRIANÇAS

Os impactos do brincar espontâneo no **desenvolvimento emocional, cognitivo e social** — e por que precisamos proteger esse direito essencial

Por Sandra Paro

Enquanto correm descalças pelo quintal, constroem cabanas com cobertores ou inventam mundos com um simples graveto, as crianças não estão “só brincando”. Estão, na verdade, exercitando intensamente o cérebro, desenvolvendo sua personalidade, testando hipóteses sobre o mundo e experimentando, de forma espontânea, o que a vida tem de mais genuíno: a liberdade de ser.

Em uma sociedade cada vez mais pautada por resultados, produtividade e desempenho precoce, o tempo de brincar livre tem sido reduzido, substituído por agendas cheias, currículos escolares rígidos e telas. Mas a ciência nos convida a parar e refletir: o brincar livre não é uma pausa no aprendizado. É o próprio aprendizado em sua forma mais potente e verdadeira.

BRINCADEIRAS DO BRASIL O SABER QUE NASCE DO CHÃO



Do quintal de terra batida ao pátio da escola, as brincadeiras tradicionais brasileiras são repletas de cultura, criatividade e conexão. “Pega-pega”, “esconde-esconde”, “passa anel”, “pular elástico” e tantas outras não são apenas divertimento — são também escolas de vida.

Nessas brincadeiras, não há manual de instruções pronto. É preciso negociar regras, lidar com conflitos, tomar decisões em grupo e, acima de tudo, aprender com o outro. É o brincar comunitário, espontâneo e adaptável — e, por isso mesmo, tão potente.



Criança que brinca junto constrói repertório social, exercita empatia e desenvolve autoestima.



Brincar é uma tarefa do desenvolvimento

Segundo o psiquiatra Stuart Brown (2009), brincar é uma necessidade biológica, tão importante quanto dormir ou se alimentar. Por meio do brincar, a criança aprende a regular emoções, a desenvolver empatia, a exercitar a criatividade e a construir vínculos significativos. Para ele, “brincar é um estado de ser que nos ajuda a nos conectar com os outros e com nós mesmos”.

Jean Piaget (1971) já afirmava que o brincar é a forma como a criança assimila o mundo e reconstrói a realidade por meio da ação. Vygotsky (1991) acrescentava que o jogo simbólico é responsável por desenvolver funções cognitivas superiores, como atenção voluntária, imaginação, linguagem e autorregulação.



Do ponto de vista da neurociência, o brincar livre estimula o crescimento de sinapses no córtex pré-frontal, área responsável por planejamento, tomada de decisões, regulação emocional e controle inibitório (Pellis & Pellis, 2009). Ao mesmo tempo, ativa o sistema límbico, que vincula emoção à aprendizagem, tornando o que se aprende brincando muito mais duradouro (Immordino-Yang & Damasio, 2007).

Brincar é aprender em múltiplas dimensões

Veja como o brincar livre impacta positivamente o cérebro e o desenvolvimento infantil:

— CRIATIVIDADE

- Estimula pensamento divergente e originalidade.
- Ativa redes cerebrais associadas à imaginação (Singer, 2013).

— LINGUAGEM

- Enriquece o vocabulário espontâneo e expressivo.
- Estimula narrativas e interações simbólicas.



REGULAÇÃO EMOCIONAL

- Ensina a lidar com frustrações e a adiar recompensas.
- Ajuda a elaborar emoções por meio do faz de conta (Panksepp, 2007).



RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS

- Desenvolve habilidades executivas como planejamento e flexibilidade cognitiva.
- Estimula autonomia e tomada de decisões.

INTERAÇÃO SOCIAL

- Ensina cooperação, negociação e respeito às regras.
- Favorece a empatia e o senso de pertencimento.

DESENVOLVIMENTO MOTOR E SENSORIAL

- Integra coordenação fina e grossa com percepção espacial.
- Estimula o uso do corpo como ferramenta de expressão e descoberta.



Preservar o brincar é preservar a infância

As brincadeiras brasileiras têm um valor que vai além do entretenimento. Elas carregam memórias afetivas, tradições orais, saberes populares e uma forma única de aprender com o corpo, com o outro e com o mundo.

Em tempos de excesso de telas e agendas cheias, resgatar essas brincadeiras é um ato de resistência cultural e emocional. É defender uma infância em que o brincar livre seja visto como prioridade — e não como perda de tempo.

Resgatar o brincar é devolver à criança o direito de ser plenamente criança.

O que perdemos quando o brincar é reduzido?

A pressão por excelência e desempenho precoce está moldando infâncias exaustas. Crianças estão sendo preparadas para currículos, não para a vida. Segundo Ginsburg (2007), a privação do brincar tem sido associada ao aumento de transtornos de ansiedade, queda na autorregulação e declínio da criatividade.

O jornalista Michael Winerip, que estudou em Harvard, contou certa vez que muitos jovens chegam às melhores universidades com currículos impecáveis — cheios de notas altas, atividades extracurriculares e cursos de destaque. Mas por trás desse desempenho perfeito, o que se vê, muitas vezes, são jovens exaustos, ansiosos e desconectados de si mesmos. A revista *Slate* resumiu bem essa realidade: “Quem joga o jogo com mais intensidade costuma ser recompensado — mas a que preço?”

A pedagogia do quintal: onde tudo começa

No quintal, na calçada, na beira do rio ou sob uma árvore, o Brasil profundo ensina que o mundo é brinquedo. Um pedaço de barbante vira telefone, folhas secas viram comida de mentirinha, e uma caixa de papelão vira castelo. Essas brincadeiras não exigem nada além de tempo, espaço e imaginação.

Segundo Piaget, é nesse fazer simbólico que a criança reconstrói o mundo à sua maneira, atribuindo sentidos, testando hipóteses e se apropriando do real com poesia e autonomia.

Na cultura da infância, brincar é plantar pensamento.



Brincar é um investimento afetivo, social e neurológico

Ao contrário do que muitos acreditam, o brincar não atrasa o desenvolvimento: ele o potencializa. Brincar é, sim, formar competências. Brincar é construir autoestima. Brincar é desenvolver o senso de si. Stuart Brown afirma que é a partir do “compasso interno do brincar” que a criança se conecta com seus desejos mais autênticos e desenvolve autonomia verdadeira.

E talvez o mais bonito nisso tudo: brincar é gratuito, acessível e humano. Só exige tempo, espaço e afeto. Ao garantir o direito ao brincar, protegemos a infância — e investimos em adultos mais íntegros, criativos e emocionalmente saudáveis.

Corda, cantiga e corpo: a linguagem do brincar

As brincadeiras cantadas, como “Ciranda-cirandinha”, “Se essa rua fosse minha” ou “Escravos de Jó”, mesclam movimento, ritmo, linguagem e memória coletiva. São práticas ancestrais que ativam funções cognitivas superiores, como atenção, linguagem e memória de trabalho — sem que a criança perceba que está “aprendendo”.

Além disso, essas brincadeiras transmitem cultura, história e afeto, conectando gerações e fortalecendo os laços identitários.

Quando a roda gira, o cérebro dança.



Ousamos deixar as crianças serem crianças?

Precisamos nos perguntar: estamos formando adultos produtivos ou adultos plenos? Defender o brincar não é defender o ócio, mas a potência. Não é desvalorizar o estudo, mas compreender que o aprendizado mais profundo é aquele vivido com o corpo, com o afeto e com a imaginação.

Brincar é correr risco com segurança

Brincadeiras como “pular muro”, “subir em árvore”, “jogo de queimada” e “mãe da rua” exigem autoconhecimento corporal, noção de espaço e estratégias de autorregulação emocional. O erro e o desafio são partes essenciais dessas experiências — e nelas, a criança aprende a cair e levantar, a perder e continuar.

A ausência do brincar livre tem produzido crianças mais ansiosas e inseguras. Permitir o risco controlado é também educar para a vida.

Quando a criança testa seus limites, expande seu cérebro.



Resgatar o valor do brincar livre é uma tarefa coletiva e urgente. Não apenas por um ideal romântico da infância, mas porque o cérebro aprende melhor quando brinca, sente, cria e se expressa com liberdade.

O brincar do afeto e da cultura

Nas brincadeiras de casinha, mercadinho ou escolinha, meninos e meninas representam o mundo adulto à sua maneira — e, nesse faz de conta, revivem afetos, reproduzem papéis e reelaboram vivências. Por meio desse brincar simbólico, elas desenvolvem empatia, linguagem, regulação emocional e compreensão de normas sociais.

Além disso, essas brincadeiras são repletas de referências culturais: a comida de faz de conta tem gosto de família, o cuidado com as bonecas tem cheiro de avó.

Brincar de cuidar é também aprender a ser cuidado.



Referências

- BROWN, S. *Play: How It Shapes the Brain, Opens the Imagination, and Invigorates the Soul*. New York: Avery, 2009.
- GINSBURG, K. R. *The Importance of Play in Promoting Healthy Child Development and Maintaining Strong Parent-Child Bonds*. *Pediatrics*, 119(1), 182–191, 2007.
- IMMORDINO-YANG, M. H.; DAMASIO, A. *We Feel, Therefore We Learn: The Relevance of Affective and Social Neuroscience to Education*. *Mind, Brain, and Education*, 1(1), 3–10, 2007.
- PANKSEPP, J. *Play and the Regulation of Emotion*. In: PELLIS, S. M. et al. (Eds.). *Play and Brain Development*. Oxford University Press, 2007.
- PELLIS, S. M.; PELLIS, V. C. *The Playful Brain: Venturing to the Limits of Neuroscience*. Oneworld Publications, 2009.
- PIAGET, J. *A Formação do Símbolo na Criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- SINGER, Y. L. *The Role of the Default Mode Network in Creativity*. *Trends in Cognitive Sciences*, 17(10), 487–489, 2013.
- VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- WINERIP, M. *Application Angst*. *The New York Times*, 2004.
- SLATE MAGAZINE. *Those Who Play the Game Best Are Often Rewarded*. 2010.

BRINCAR COM A **COMIDA,** PODE?

Por *Aline Alves*



Já viram um bebê começando a comer? Pra mim sempre foi a fase mais encantadora, em que a comida se torna, desde aí, um eterno experimentar.

A colher se transforma em um avião, os feijões dançam no prato, o brócolis se disfarça de árvore mágica. Brincar com a comida, para muitos adultos, principalmente os pais, pode parecer bagunça ou distração. Além de desperdício de alimentos.

Mas, para a criança, é a linguagem. É como ela se relaciona com o mundo e com o alimento por meio da imaginação, da experiência sensorial e da liberdade de experimentar.

Brincar com texturas, cores e formatos, explorar ingredientes com as mãos, montar carinhas divertidas nos pratos ou até mesmo preparar uma receita simples juntos, pode ajudar a criança a se sentir segura e curiosa. O brincar convida a experimentar sem pressão, desenvolve autonomia e associa o momento de comer a emoções positivas.



ESCREVENDO EM FOGO BAIXO

Donald Winnicott, psicanalista que dedicou a vida a compreender o brincar, dizia que “é no brincar, e talvez apenas no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e usar a personalidade inteira”. E é isso que vemos quando deixamos uma criança se encantar com a textura do purê, lamber o fundo do prato ou inventar uma história para as fatias de pão.

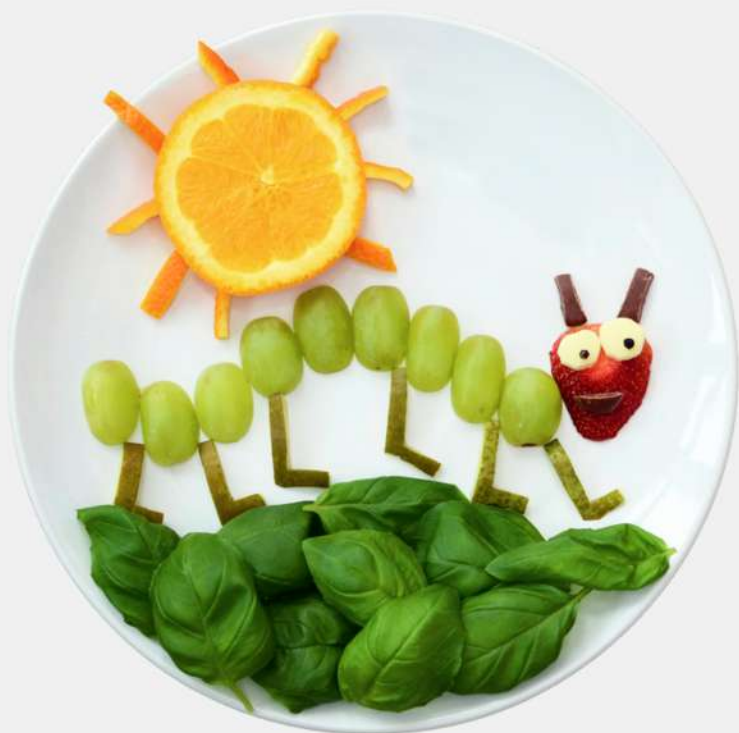
É nítido que a comida pode sim ser brinquedo, pode ser brincadeira e ainda sim alimentar, além do estômago, nutrir a imaginação e ampliar as possibilidades de um paladar rico e livre.

Brincar com a comida não significa rejeição, mas pode ser uma construção de vínculo, de conexão, de subjetividade. O jeito como a criança toca o alimento, empurra, morde, cheira ou recusa também comunica. Afinal somos ou não o que comemos?

O afeto entra aí: na escuta verdadeira de quem oferece, no tempo respeitado de quem experimenta ou não, no olhar que vê além da sujeira na mesa. Como nos lembra o pediatra espanhol e autor Carlos González, “crianças não comem só nutrientes: elas comem confiança, exemplo e afeto”. Ao permitir a brincadeira à mesa, mostramos além, e ensinamos também sobre acolhimento, liberdade, limites e prazer.

É nesse encontro entre afeto, sabores e ludicidade que nasce a verdadeira educação alimentar, que educa para uma boa relação com a comida, saudável, que respeita o tempo de cada um e mostra na prática que o comer pode ser um espaço de vínculo.

Que o lúdico esteja sempre no menu de casa e da nossa relação com a comida. Afinal, quem nunca brincou com a comida ou teve muita vontade de fazê-lo que atire a primeira batatinha.

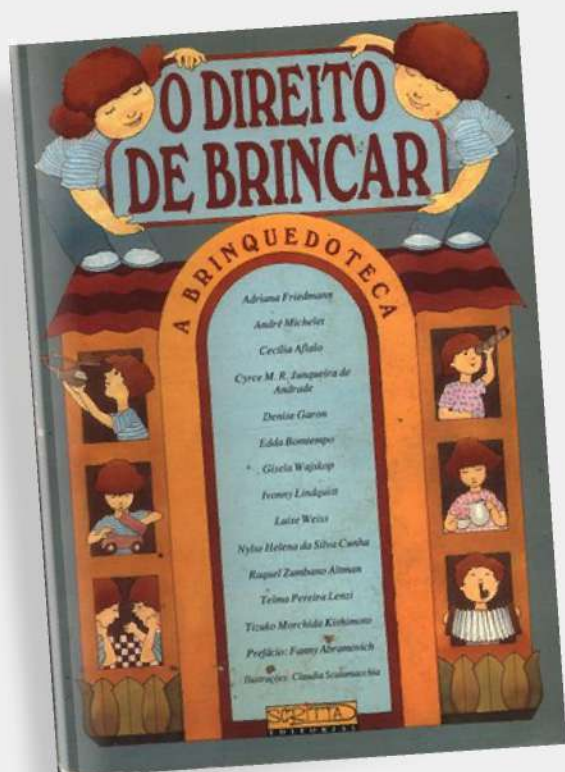




O DIREITO DE BRINCAR: A BRINQUEDOTECA

Adriana Friedmann et al, 1992

Por Sandra Paro



FRIEDMANN, Adriana (org.). *O Direito de Brincar: A Brinquedoteca*. São Paulo: Edições Sociais/Scritta/Abrinq, 1992.

O Direito de Brincar: A Brinquedoteca

O livro *O Direito de Brincar: A Brinquedoteca*, organizado por Adriana Friedmann et al., é uma obra de referência essencial para educadores, psicólogos, terapeutas e todos que atuam com a infância. Lançado em 1992 por meio da Editora Página Aberta — Editora Scritta/Abrinq, constitui um guia prático e teórico para a criação e manutenção de brinquedotecas, espaços pedagógicos voltados ao brincar livre e à convivência social.

Estrutura e conteúdo

O livro reúne 17 artigos escritos por 13 profissionais de diversas áreas, oferecendo uma multiplicidade de visões e experiências. Entre os temas abordados estão:

1. **Contextualização histórica e social do brincar**, com reflexões sobre o declínio das brincadeiras livres e comunitárias nas cidades modernas.
2. **Fundamentos para criação de brinquedotecas**, mostrando como selecionar brinquedos, organizar ambientes e estabelecer rotinas lúdicas (ex.: Tizuko Kishimoto e Denise Aflalo).
3. **Observação e escuta da criança**, destacando a importância de compreender as expressões simbólicas e afetivas no brincar.
4. **Inclusão e diversidade**, com artigos dedicados ao brincar com crianças com necessidades especiais e em contextos como hospitais (Nylse H. S. Cunha, Ivonny Lindquist).
5. **Formação de educadores**, mostrando que a brinquedoteca também é um espaço educativo para adultos (Gisela Wajskop, Edda Bomtempo).

Um dos pontos mais marcantes do livro *O Direito de Brincar* é sua pluralidade e caráter interdisciplinar. A diversidade de autores — que inclui educadores, antropólogos, terapeutas, psicólogos e profissionais da saúde — amplia a visão sobre o brincar e o torna mais do que um simples manual técnico. A obra se constitui como um espaço de diálogo sobre infância, cultura, direitos e educação, promovendo uma reflexão profunda sobre o lugar do brincar nas diferentes esferas da vida social e institucional.

Outro destaque é o equilíbrio entre teoria e prática. Cada capítulo combina embasamento teórico consistente com sugestões práticas, experiências de campo e orientações detalhadas sobre o funcionamento de brinquedotecas. Essa abordagem torna o livro especialmente útil para profissionais que desejam implementar ou reestruturar espaços lúdicos, unindo saberes acadêmicos e aplicabilidade concreta.

A obra também realiza um importante resgate da cultura do brincar, alertando para o empobrecimento dos espaços públicos infantis e para a crescente institucionalização das brincadeiras. Os autores destacam como o brincar espontâneo tem sido substituído

DICA DE LEITURA

por atividades controladas e excessivamente dirigidas, o que empobrece a criatividade e a autonomia das crianças. Essa crítica é especialmente relevante no cenário contemporâneo, uma vez que o tempo livre vem sendo cada vez mais tomado por telas e agendas sobrecarregadas.

O Direito de Brincar: A Brinquedoteca é uma obra rica e inspiradora, que reafirma o brincar como direito e necessidade das crianças. Seu conteúdo embasa ações concretas de promoção da infância saudável e fortalece o papel das brinquedotecas como espaços de pertencimento, criatividade e inclusão social.

Recomenda-se sua leitura a quem busca:

- Criar ou revitalizar espaços de brincar em escolas, hospitais, comunidades.
- Refletir sobre cultura lúdica e pluralidade na infância.
- Capacitar profissionais e famílias para valorizar o brincar livre como prática educativa.



CURSO "O BRINCAR NA ABA"

"Vai, vai começar a brincadeira..." Sabe por quê?

O brincar é um meio de conexão entre as crianças, a imaginação e os objetos e essa prática ajuda na construção da identidade e da autonomia.

Para crianças com comportamento neurodiverso, o aprendizado por meio da brincadeira é ainda mais importante uma vez que abre possibilidades de interação que nessas crianças nem sempre é natural.

Por isso o curso O brincar na ABA foi criado para favorecer o desenvolvimento cognitivo e emocional de crianças com diferentes perfis de comportamento.



**Desejo adquirir com um
SUPERDESCONTO!**



Dante
em

O Superpoder da Imaginação





Confira nossa **programação** dos próximos meses:



a 07 de agosto

Convenção Técnica Unimed

📍 São Paulo - SP



a 06 de setembro

ABPMC -34º Encontro da Associação Brasileira de Ciências do comportamento

📍 São Paulo - SP



a 07 de setembro

Congresso Internacional de Clínicas Multidisciplinares 📍 Goiânia - GO



de setembro

Curso Habilidade de Atenção com Carolina Sella 📍 Goiânia - GO



de outubro

Mirabolâncias com Estevão Marques e Chico dos Bonecos 📍 Goiânia - GO



Por Estevão Marques

Quando eu era criança, eu tinha um sonho: queria criar uma pílula mágica que me fizesse aprender tudo o que eu desejasse. Imagina só...



**Outra para
saber ler e
escrever.**



**Uma pílula para
aprender matemática.**

**Mais uma
para construir
foguetes!**



Esse era meu sonho de menino.

Mas hoje, como professor, descobri que essa pílula mágica do conhecimento não existe. Em compensação, existe algo ainda melhor: um processo mágico que torna o aprendizado mais fácil, leve e divertido. **Esse processo se chama brincadeira.**

EVENTOS

Utilizo a brincadeira em sala de aula como uma ferramenta de ensino, um processo que **facilita a compreensão de ideias e estimula a aquisição de técnicas**. É um desafio divertido que desperta o desenvolvimento pessoal e a sensibilidade para o trabalho em grupo.

Por que a criança adora a brincadeira na sala de aula?



Porque nela é possível **errar sem medo, experimentar livremente, interagir com o entorno** e desenvolver habilidades como **tomada de decisão, inteligência emocional e cooperação**. A criança sente-se **desafiada e capaz ao mesmo tempo**. Ela aprende e cria ao mesmo tempo. E o melhor: quando ela se diverte, **quer repetir**. E ao repetir, **atinge novos níveis de conhecimento**.

E não é exatamente isso que nós, pais e educadores, queremos?

Crianças que queiram voltar para a escola para aprender mais.
Crianças que digam:



Oba, hoje é segunda-feira!

Muitas vezes, nós professores cometemos um erro comum: **focamos apenas no conteúdo e esquecemos do processo**. E quando isso acontece, logo sentimos as consequências: **falta de atenção em sala, desmotivação, indisciplina**.

Isso também já aconteceu comigo.

EVENTOS



Foi quando percebi que era hora de aprender a **falar a língua da criança** — a linguagem da brincadeira.

Uma linguagem que se comunica com **todos os sentidos**, através das **artes integradas**: música, dança, teatro, poesia, literatura, artes visuais, circo...

Depois disso, nunca mais precisei gritar em sala de aula. Nunca mais precisei pedir silêncio.

E atenção: isso não é mágica, é um processo que funciona!

Uma boa brincadeira **encanta, desperta curiosidade, propõe desafios e gera identificação.**



Muita atenção!!!

Mas aqui vai um alerta: **brincar sem um objetivo claro na sala de aula pode ser um risco.**

Já vi professores se tornarem o "palhacinho feliz": pulando de um lado para o outro, enchendo a aula de atividades desconexas, sem propósito definido. O resultado? Crianças agitadas, confusas, sem entender o porquê de tantos estímulos e acabam tendo uma indigestão de brincadeiras... muitas vezes, causando **problemas sérios de disciplina.**

A brincadeira só se torna uma ferramenta de ensino **quando o professor sabe exatamente onde quer chegar.**

Você já se perguntou: **O que você gostaria que seus alunos lembrassem da sua aula daqui a 10 anos?**

EVENTOS

Feche os olhos. Pense em uma professora que marcou sua vida.

O que você lembra dela?

Uma história? Uma frase? Uma música? Uma experiência?

Eu lembro direitinho da minha melhor professora: ela me ajudou a **reconectar com o que eu tinha de melhor**.

E acredito que esse é o **papel mais nobre do professor**: ajudar cada aluno a descobrir o seu **superpoder**.



Um gosta de desenhar.



Tem aquele que joga futebol muito bem.



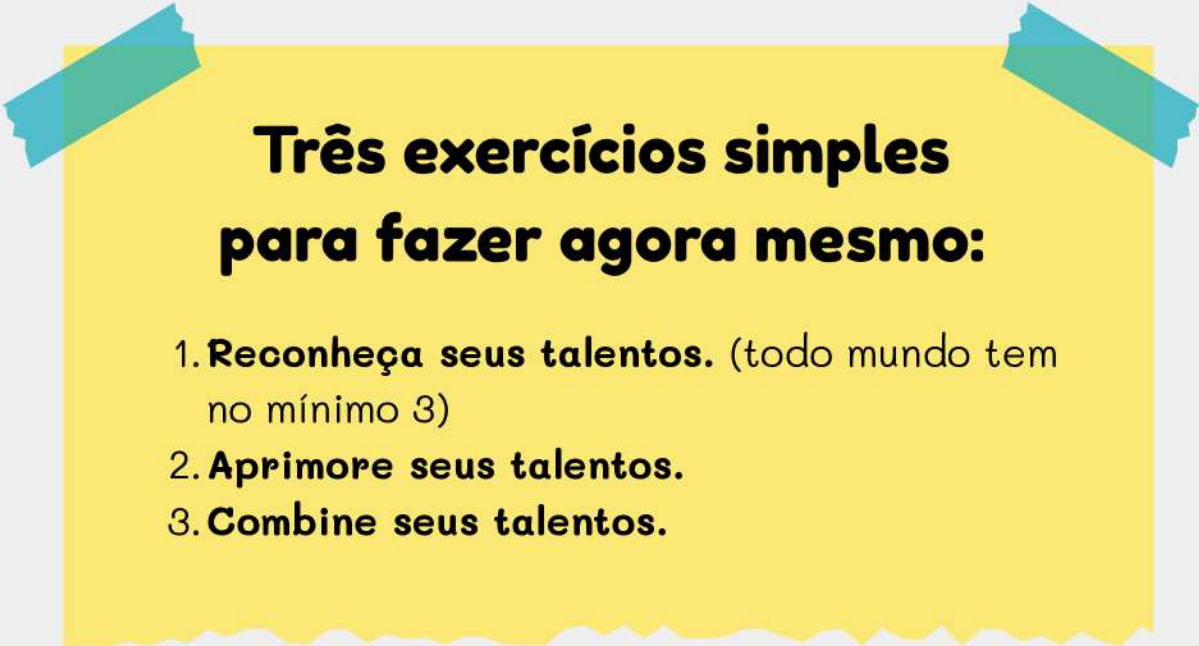
Outro ama escrever poesias.



Ou aquele que faz todos rirem contando histórias.

Cada criança tem talentos únicos. Cada criança tem superpoderes.

E você, que está lendo este texto agora: **Sabe quais são os seus superpoderes?** Não sabe? Vamos descobrir juntos.



Três exercícios simples para fazer agora mesmo:

- 1. Reconheça seus talentos.** (todo mundo tem no mínimo 3)
- 2. Aprimore seus talentos.**
- 3. Combine seus talentos.**

Seu talento é a sua força, é a porta de entrada para você aprender a aprender.

Eu, por exemplo, gosto de contar histórias, dançar e tocar percussão e tento usar estes poderes todos os dias um pouquinho. E você? Você já usou o seu superpoder hoje?

E é nesse **processo mágico da brincadeira** que conseguimos descobrir os superpoderes de nossos alunos.

As **artes integradas** e os **projetos interdisciplinares** são a essência de toda boa brincadeira.

Hoje eu posso dizer que o meu sonho de menino se tornou realidade. A mágica aconteceu! A brincadeira se tornou um processo facilitador em que a criança sente o prazer em aprender



Conheça *Estevão Marques*

Criador e professor do curso Educando pela Brincadeira, que une música, corpo, ritmo, oralidade e educação.

Estevão Marques é formado em música no Brasil.

Professor no The San Francisco International Orff Course, nos Estados Unidos, com experiência em oficinas ao redor do mundo (Turquia, Colômbia, Argentina, Uruguai, Espanha, Finlândia, Tailândia, Portugal, Holanda, Áustria, Noruega, Hong Kong, Taiwan e Itália).

Autor de 20 livros, dentre eles a coleção Histórias que cantam, e coautor da coleção de livros Brincadeiras e brincadeirinhas musicais da Palavra Cantada.

Criador e diretor do curso online Mini Esportistas e Educando pela Brincadeira.

Contador de histórias, fundador do Grupo Triii e já tocou com Palavra Cantada, Chico César, Antônio Nóbrega e com o grupo Barbatuques.





04 04.10.2025

8 às 18h

MiRaBOLâncias



ESTÊVÃO MARQUES • CHICO DOS BONECOS
Workshop Educando pela Brincadeira



**Colégio Integrado Jaó
- Goiânia/GO**



INSCREVA-SE

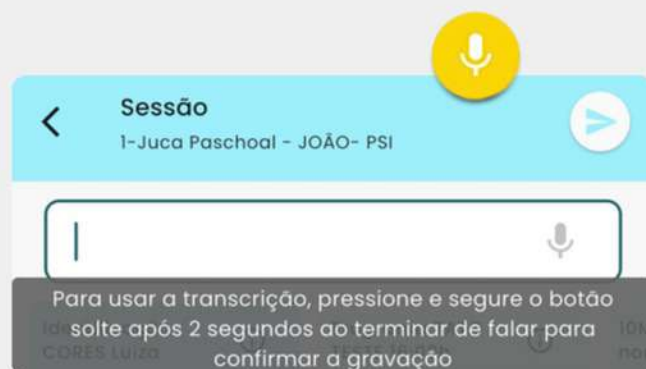


Se você participou de eventos anteriores, entre em contato para solicitar seu cupom de desconto de 15%.

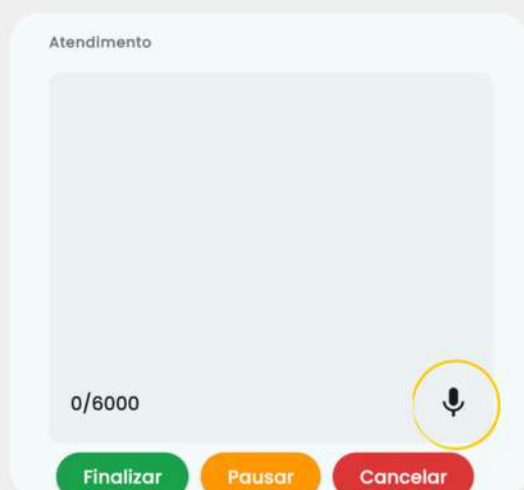


TRANSCRIÇÃO DE VOZ NO SOFTWARE ABA+

Com a **nova função de transcrição de voz** no software ABA+, os registros durante a intervenção terapêutica ganharam um importante aliado. Agora, o terapeuta pode descrever comportamentos, marcar avanços ou ajustar estratégias apenas falando, sem precisar interromper a sessão para digitar. Isso garante mais fluidez na interação com o aprendiz e mais presença durante os atendimentos.



+ AGILIDADE E + PRECISÃO NA PRÁTICA CLÍNICA



Na ciência ABA, decisões baseadas em dados são fundamentais. Por isso, a nova funcionalidade une **tecnologia e ciência** para trazer mais eficiência, precisão e rapidez no dia a dia clínico. ABA+ segue evoluindo com quem educa, cuida e transforma — **porque desenvolver pessoas exige ferramentas à altura do desafio.**

Quero uma demonstração gratuita do Software



REVISTA ABA+

Agradecemos por chegar até aqui conosco.

Encerramos mais uma edição da Revista ABA+ cheios de orgulho e gratidão. Foi um prazer imenso buscar e depois compartilhar histórias, reflexões e aprendizados que celebram algo tão essencial e transformador: o brincar.

Esperamos que, ao folhear cada página, você se sinta convidado(a) a enxergar o brincar como parte de todos os lugares — da escola à praça, de casa ao consultório — e, acima de tudo, como parte fundamental da formação das crianças.

Mais do que uma leitura, edição de julho foi um convite. Um convite para brincar, explorar, imaginar e descobrir. Que você, assim como nossa equipe, aceite esse desafio: olhar para o brincar com novos olhos e mostrar como ele acontece na sua vida.

Nos vemos na próxima edição. E aproveite para nos seguir nas redes sociais. A conversa (ou a brincadeira) continua por lá.

Com carinho,
Equipe ABA+



 @abamaisinfo

 www.abamais.com